

regida pela lei da causalidade. É isto que explicaria cientificamente a magia.

Não somos obrigados a admitir todas as idéias de Jung. Acho que ele está errado a respeito da alquimia e dos discos voadores, por exemplo. Mas, de qualquer maneira, a obra de Jung é a única, no campo das ciências humanas, em que penetra um pouco de luz do exterior.

A História é uma ciência humana?

Não creio.

Acho que é mais uma arte.

Há muito o que reunir, do nosso ponto de vista, nos grandes historiadores, sejam eles gregos e latinos ou Carlyle ou Michelet.

Não há nada para se encontrar na "micro-história" moderna na qual estudamos o consumo do tabaco numa aldeia de Flandres entre 1740 e 1760. Mas, os grandes historiadores, assim como os grandes cientistas, tiveram uma visão do mundo mais ampla do que a nossa, de uma História que não é fechada. Seus imitadores são, atualmente, os historiadores soviéticos, que também têm a mesma visão, aquela que vimos no magnífico filme russo *Anatóli Roublev*.

O Ocidente ainda espera pelos historiadores "abertos". Muita coisa poderia ser dita sobre este assunto, pois a História mereceria ser reescrita assinalando determinados fenômenos evocados neste livro.

É o que chamei de "a História invisível". Deixando de lado os grandes historiadores, encontramos facilmente materiais para a História invisível nas revistas de História, sobretudo nas de província. Todavia são necessárias pesquisas imensas para encontrar alguns artigos.

Eis o tipo de trabalho no qual o computador seria extremamente útil, mas para o qual é praticamente impossível conseguir horas.

Seria preciso a paciência incomparável de um Charles Fort para ler os milhares de pequenas revistas de História, durante anos, para encontrar finalmente algumas centenas de artigos que tocam o extraordinário. Ninguém, que eu saiba, faz este trabalho, o que é uma pena.

As revistas que tratam da história das ciências geográficas e da exploração são muito interessantes. Nelas encontramos ilhas desaparecidas, países que não são mais achados, relatos muito surpreendentes de exploradores. Entre estas revistas, a do Instituto nacional geográfico americano é particularmente rica e recompensa particularmente bem os pesquisadores.

As revistas de astronomia popular, e de modo especial a revista americana *Sky and Telescope*, são interessantíssimas. Elas evocam, cada vez mais, os problemas à fronteira da astronomia, isto é, o estudo do que se passa quando os próprios espaço e tempo são deformados por uma estrela que implode até se tornar menos que um ponto, acabando por desaparecer do espaço e do tempo.

Isto é o que chamamos colapso, do latim *collapsus*, o que quer dizer implosão. Os fenômenos extraordinários começam antes mesmo que a estrela desapareça definitivamente. Quando ela tem apenas um raio de poucos centímetros, embora possuindo a massa de um sol, os eixos do espaço e do tempo, que normalmente formam um cone, são torcidos. Na superfície do astro, o passado encontra-se então abaixo do equador, e o futuro, acima do equador.

Se estes astros hiperdensos são habitados, os habitantes podem viajar pelo passado e o futuro com a